

Teorias da Conspiração no Brasil: apontamentos a partir de observações no Telegram

Conspiracy Theories in Brazil: notes based on observations in Telegram

Teorías de Conspiración en Brasil: notas basadas em observaciones en Telegram

Suely Fragoso¹

Resumo: Este artigo aborda as Teorias da Conspiração no Brasil, entendidas como uma das várias formas de desinformação que compõem o distúrbio informacional contemporâneo. Para compreendê-las e caracterizá-las quanto a forma e conteúdo, foram realizados dois movimentos: uma revisão crítica da literatura, que procurou enfatizar os autores nacionais, e a observação sistemática e coleta de mensagens de dois grupos do aplicativo Telegram. Como resultado, foi possível identificar a prevalência de conteúdos que, embora instituem epistemologias alternativas, não desafiam o paradigma de pensamento da Modernidade. Quatro mecanismos retóricos se destacaram nas TCs: a circularidade, a nucleação suprimida, o maniqueísmo e o recurso a indeterminações concorrentes e simultâneas. As TCs provêm segurança e controle aos que a elas aderem, tanto devido à simplicidade lógica dos raciocínios propostos (baseados em causalidades lineares) quanto devido ao incremento de sua valorização e pertencimento sociais junto a outros conspiracionistas. Isso confere às TCs grande potencial de engajamento e mobilização de grupos sociais efetivamente fragilizados pelas estruturas vigentes e também daqueles que se consideram desfavorecidos devido à perda de privilégios aos quais estavam acostumados.

Palavras-chave: Desinformação. Teoria da Conspiração. Brasil.

Abstract: This article discusses Conspiracy Theories in Brazil, understood as one of the various forms of disinformation that make up the contemporary information disorder. Two movements were carried out with the intent to understand and characterize them in terms of form and content: a critical review of the literature, which sought to emphasize national authors, and systematic observation and collection of messages from two Telegram groups. These made possible to it to identify the prevalence of content that, although establishing alternative epistemologies, does not challenge the Modern scientific paradigm. Four rhetorical

¹ Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil, suelyfragoso@ufrgs.br.

mechanisms stood out: circularity, suppressed nucleation, Manichaeism and the use of concurrent and simultaneous indeterminacies. CTs provide security and control to those who adhere to them, both due to the logical simplicity of the proposed reasoning (based on linear causalities) and to the increase in their appreciation and social belonging by other conspiracists. This gives TCs great potential for engaging and mobilizing social groups effectively weakened by current structures and also those who consider themselves disadvantaged due to the loss of privileges to which they were accustomed.

Keywords: Disinformation. Conspiracy Theory. Brazil.

Resumen: Este artículo aborda las Teorías de la Conspiración en Brasil, entendidas como una de las diversas formas de desinformación que configuran el desorden informativo contemporáneo. Para comprenderlos y caracterizarlos en forma y contenido, se realizaron dos movimientos: una revisión crítica de la literatura, que buscó destacar a los autores nacionales, y una observación y recolección sistemática de mensajes de dos grupos en Telegram. Como resultado, fue posible identificar la prevalencia de contenidos que, si bien establecen epistemologías alternativas, no desafían el paradigma de pensamiento de la Modernidad. En los CT se destacaron cuatro mecanismos retóricos: la circularidad, la nucleación suprimida, el maniqueísmo y el uso de indeterminaciones concurrentes y simultáneas. Los CT brindan seguridad y control a quienes los adhieren, tanto por la simplicidad lógica del razonamiento propuesto (basado en causalidades lineales) como por el aumento de su apreciación social y pertenencia entre otros conspiracionistas. Esto otorga a las CT un gran potencial para involucrar y movilizar a grupos sociales efectivamente debilitados por las estructuras actuales y también a aquellos que se consideran desfavorecidos debido a la pérdida de privilegios a los que estaban acostumbrados.

Palabras clave: Desinformación. Teorías de Conspiración. Brasil.

1 INTRODUÇÃO

O cenário da desinformação contemporâneo é complexo e heterogêneo, abrangendo desde a divulgação deliberada de conteúdo falso até o equívoco ou a distorção acidentais, ou mesmo o uso de palavras e imagens apelativas em *clickbaits*. Igualmente variadas são as fontes de desinformação, que incluem desde equipes remuneradas voltadas exclusivamente para essa atividade até indivíduos que julgam estar agindo de forma cidadã ao compartilhar notícias nas quais acreditam e, eventualmente, o próprio jornalismo institucional. Essa multiplicidade de formatos, motivações e intenções compõem aquilo que Wardle escolheu denominar “distúrbio informacional²” contemporâneo(2018, 2019).

² Em inglês, nos textos originais: “*information disorder*”. A expressão também foi utilizada em coautoria com Hossein Derakshan, em 2017.

Em meio a essa diversidade, encontra-se o subconjunto peculiar abordado neste artigo: as Teorias da Conspiração (daqui para a frente referidas como TCs) e, mais especificamente, as que circulam atualmente no Brasil. Em coerência com a intenção de focar no cenário brasileiro, o texto se volta inicialmente a uma breve revisão da literatura científica produzida em nosso país sobre desinformação em geral, de onde prossegue para identificar mais precisamente os trabalhos sobre TCs. A seguir, busca avançar as considerações presentes na literatura científica brasileira, com base em mensagens compartilhadas em dois grupos do aplicativo Telegram na primeira quinzena de março de 2022: *O Despertar* e *Censura Livre!*³. Algumas mensagens desinformativas verificadas durante a observação são apresentadas como exemplos ao longo do texto. São informados o grupo em que essas mensagens circularam e a data de envio, porém não os nomes dos responsáveis, cujas identidades foram preservadas⁴.

2 ESTUDOS SOBRE DESINFORMAÇÃO NO BRASIL

O aumento da quantidade e da intensidade da circulação de desinformação no Brasil parece ter sido devidamente acompanhado pelo crescimento dos estudos sobre o assunto. O tema figura em congressos e publicações brasileiras de várias áreas de conhecimento, com notado aumento de dossiês temáticos nacionais sobre desinformação nos últimos anos⁵. Na área da Comunicação, nota-se o predomínio de três abordagens, que poderiam ser caracterizadas como jornalística, retórica e sociotécnica. Na primeira, o olhar se volta para a missão informativa do jornalismo e as discussões partem da oposição entre informação falsa, ou incorreta, e conhecimento factual, ou verdadeiro (por exemplo, SEIBT; FONSECA, 2019; TRÄSEL, 2018). Estudos que enfatizam aspectos retóricos voltam-se para a estrutura discursiva das peças desinformativas (como DEMURU, 2021; GEHRKE; BENETTI, 2021), enquanto as abordagens sociotécnicas abordam a circulação de desinformação em ambientes digitais, enfatizando o papel dos algoritmos das ferramentas de busca e sistemas de rede social

³ *O Despertar* e *Censura Livre!* foram selecionados para observação a partir de um conjunto original de 20 grupos, conforme os seguintes critérios: variação temática da denominação (*O Despertar* com referência direta a Teorias da Conspiração, *Censura Livre!* generalista); popularidade (*O Despertar* com mais de 20.500 membros e *Censura Livre!* com mais de 18.500 membros durante a observação); disponibilidade de manifestação por participantes não-administradores; troca de mensagens intensa (*O Despertar* 20.689 e *Censura Livre!* 12.616 mensagens postadas no período de observação) e regular (frequência diária nos dois casos).

⁴ Esse procedimento está em consonância com os princípios e orientações das *Internet Research: Ethical Guidelines 3.0* (FRANZKE et al., 2020).

⁵ Por exemplo, os dossiês de EcoPós, Eptic, 2021; 2023; Fronteiras, 2021; Liinc em revista, 2020, Mídia e Cotidiano, 2021; Organicom, 2020.

na ampliação de seu alcance e no fortalecimento de sua credibilidade (MALINI *et al.*, 2020; RECUERO; SOARES, 2021).

Em todas essas abordagens, destaca-se o cuidado com a nomenclatura, em especial as designações utilizadas para descrever as peças que circulam no cenário contemporâneo da desinformação. Nesse sentido, a maior parte dos autores brasileiros tem preferido evitar a expressão popular *fake news*, cujo poder denotativo foi diluído pela ampliação excessiva de seu uso. Träsel (2018) aponta também a necessidade de diferenciar entre as notícias falsificadas, que seriam os relatos sem base factual, produzidos com a intenção de enganar o leitor, e os equívocos jornalísticos, que seriam erros não-intencionais, decorrentes de incompetência, da manipulação das fontes, ou de vieses cognitivos. Uma perspectiva complementar, apontada pelo mesmo autor e também presente nos trabalhos de diversos outros autores brasileiros (por exemplo, MASSUCHIN *et al.*, 2021; SAAD, 2021; SEIBT; FONSECA, 2019) seria a diferenciação proposta por Wardle e Derakhshan (2017) em termos de veracidade do conteúdo e intencionalidade dos criadores (ou disseminadores) das peças informativas, que resulta em três modalidades de desinformação e seus subtipos⁶. A esse conjunto, Recuero e Soares adicionaram a especificidade da propaganda, que diz respeito ao "uso da desinformação como “arma”, como estratégia política e de guerrilha" (2021, p. 6).

Embora permitam identificar e diferenciar desde formas clássicas de desinformação, como boatos e rumores, até as tecnologicamente mais refinadas, como o *deep fake*⁷, essas modalidades não dão conta de variações mais abrangentes e complexas, especialmente aquelas cuja identificação depende da apreciação de conjuntos de mensagens, não necessariamente todas desinformativas. É o caso das TCs, que constituem o foco deste texto.

A aparência autoexplicativa da expressão “teorias da conspiração” produz a impressão de que o fenômeno assim denominado dispensa aprofundamentos. Inicialmente, mesmo autores que reconheceram o caráter social das Teorias da Conspiração tenderam a descrevê-los com vocabulário que facilitou sua associação a patologias e superstições (ELLIS, 2000; HOFSTADTER, 1964; PIGDEN, 1995; POPPER, 2006), o que as posicionaria como um

⁶ As três modalidades seriam: *mis-information*, que seria a informação falsa partilhada sem objetivo de causar danos; *dis-information*, informação falsa partilhada com a intenção de causar danos e *mal-information*, informação verdadeira e privada partilhada na esfera pública com a intenção de causar danos. Os sub-tipos, restritos ao âmbito da *dis-information*, variam entre enganoso, impostor, manipulado, falsificado, que estabelece conexões falsas, que está situado em contexto falso e com vocação humorística (WARDLE; DERAKHSHAN, 2017, p. 17).

⁷ *Deep fake* é a denominação da substituição da imagem e/ou voz de uma pessoa em um vídeo ou áudio com o apoio de inteligência artificial (*deep learning*), com resultados crescentemente mais fidedignos.

fenômeno próprio de grupos limítrofes, situados nas franjas da sociedade. Nas últimas décadas, entretanto, diversos autores relatam que a adesão a TCs tornou-se cada vez mais proeminente, indicando a necessidade de uma mudança de abordagens nos estudos sobre o tema, que tendem a associar à proeminência das tecnologias digitais de comunicação (KNIGHT, 2003; LEWANDOWSKY; COOK; LOMBARDI, 2020; VICARIO *et al.*, 2016, etc.). Orientado por uma compreensão dos suportes digitais como fenômenos sociotécnicos (LATOUR, 2007; LATOUR; MAUGUIN; TEIL, 1992), o presente texto reconhece que a ampla adesão às TCs resulta de um conjunto maior e mais complexo de condições. Entre elas, destaca-se, neste momento, a percepção de que as TCs teriam o potencial para agregar e organizar a multiplicidade de peças desinformativas que constitui a configuração que Wardle (2019) identifica como “desordem informacional” da sociedade contemporânea.

3 TEORIAS DA CONSPIRAÇÃO EM ESTUDOS BRASILEIROS

Entre os autores brasileiros que buscam caracterizar as TCs encontra-se, por exemplo Lutav (2018), para quem “teoria da conspiração” seria uma denominação “tipicamente estadunidense” e relativa tanto a narrativas políticas “promovidas por partidos e repercutidas na imprensa, [que] não são falsas mas não encontram comprovação” quanto, de forma geral, a quaisquer “fatos que atingem certa razoabilidade, mas que são epistemologicamente improváveis” (LUTAV, 2018, p. 18). Essa formulação aponta para elementos importantes para a compreensão do papel das TCs no distúrbio informacional contemporâneo já que a caracterização em termos de uma veracidade que, ao mesmo tempo, existe e inexistente, é sugestiva da capacidade das TCs para instituir “epistemologias alternativas que não obedecem aos padrões convencionais de fundamentação em evidências⁸” (LEWANDOWSKY; ECKER; COOK, 2017, p. 356).

A instauração dessas epistemologias alternativas é facilitada pela atual transferência da confiabilidade epistêmica das instituições consolidadas pela ordem burocrática (WEBER, 1978) para outros circuitos, com maior capilaridade social. Ou seja, a passagem de um regime

⁸ Em inglês, no original: “*alternative epistemologies that do not conform to conventional standards of evidentiary support*”

de verdade baseado na legitimidade institucional (da ciência, da igreja, do jornalismo)⁹ para outro, regulado pela crença individual e pela experiência pessoal, abre caminhos para a convocação de realidades que desafiam convicções anteriormente estabelecidas a partir da atribuição de autoridade institucional. Curiosamente, isso não se dá pelo abandono dos indicadores de confiabilidade ou das estratégias retóricas do discurso institucional, mas por sua mobilização contra as próprias instituições de origem. Um exemplo pode ser visto na Figura 1, em que o jargão médico e a referência a publicações científicas são utilizados para contestar a confiança na ciência.

Figura 1 – Uso de referências científicas em mensagem vinculada a TC¹⁰



Fonte: Grupo *Censura Livre!*, Telegram, 11/03/2022

Como na maior parte das manifestações desse tipo, a contraposição ao saber institucionalizado é expressa através de apelo à iniciativa individual e ao empirismo ingênuo, orientado pela pressuposição da viabilidade de um conhecimento objetivo e perfeitamente

⁹ Esse contexto de “enfraquecimento dos valores da Modernidade” já foi apontado por alguns autores brasileiros da área da Comunicação, como Albuquerque e Quinan (2019) e, com maior especificidade, enquanto crise das comunidades epistêmicas legitimadas pelo projeto Iluminista, por Oliveira (2020).

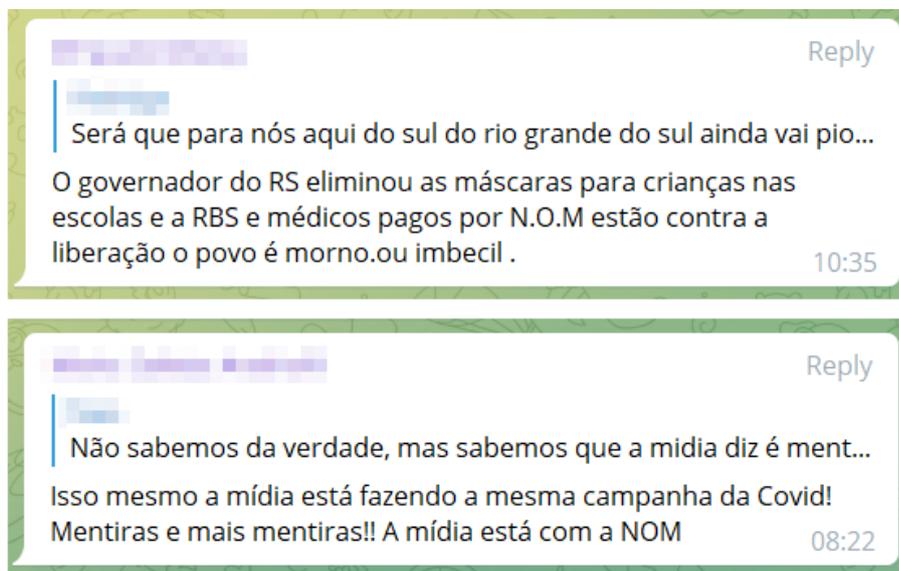
¹⁰ Segundo a TC à qual alude o conteúdo da figura, os efeitos colaterais das vacinas contra a covid-19 estariam sendo ocultados do público. O motivo dessa ocultação varia entre diferentes versões da TC: nas mais brandas, isso é devido a interesses financeiros, nas mais radicais, essas vacinas teriam sido criadas justamente para causar danos à saúde, visando a redução populacional.

resguardado de contaminação ideológica. Confiantes em uma suposta separação absoluta entre o que é fato e o que é crença, para os adeptos a TCs a inserção social da ciência é responsável por sua contaminação por interesses nefastos. Essa percepção ajuda a entender porque, mais do que promover o anticientificismo, as TCs estabelecem um paradigma alternativo, que não é exatamente anticientífico, na medida em que atribui cientificidade a formulações leigas, compatíveis com verificações empíricas ingênuas. Nascimento e colegas chamaram esse movimento de “demarcação de fronteiras de ignorância por dentro da própria ciência” (2021), destacando a lógica maniqueísta das TCs, que contrapõe os “maus e os “bons” cientistas. Institui-se, assim, a percepção da existência de ciência “amiga” e “inimiga”, expulsando para as “zonas de ignorância” compreensões que entrem em conflito com visões de mundo anteriormente estabelecidas e estabilizadas (NASCIMENTO *et al.*, 2021).

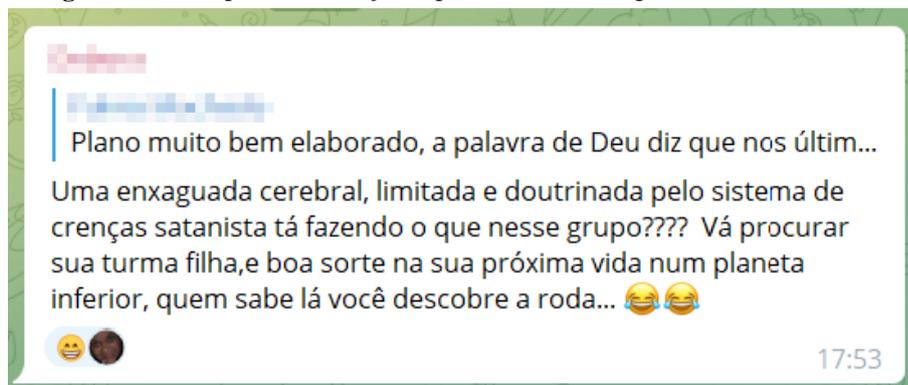
Soares (2021) parte de Polanyi (1952, p. 221–225) para identificar outros dois mecanismos fundamentais para a estabilidade das visões de mundo alternativas instituídas pelas TCs: a “circularidade” e a “nucleação suprimida”. Sucintamente, “a circularidade protege um sistema de crenças contra as dúvidas que poderiam emergir de alguma evidência adversa, enquanto a nucleação suprimida previne o surgimento de novos conceitos a partir de novas evidências¹¹” (POLANYI, 1952, p. 223). Desse modo, a circularidade, que protege a TC da intervenção da dúvida, pode ser exemplificada pela inclusão da mídia entre os grupos de conspiradores, impedindo que a verificação jornalística desmintas as afirmações conspiratórias (Figura 2).

A nucleação suprimida, que é complementar à circularidade, consiste na prevenção antecipada da interferência de novos critérios que possam colocar em xeque crenças já estabelecidas. Um exemplo é a associação entre quem coloca a TC em dúvida e os conspiradores. Esses dois mecanismos são acentuados por dois outros fatores já mencionados: a convicção na objetividade dos fatos observáveis (empirismo ingênuo) e o maniqueísmo característico das TCs, ambos exemplificados na Figura 3.

¹¹ Em inglês, no original: “Circularity protects an existing system of beliefs against doubts arising from any adverse piece of evidence, while suppressed nucleation prevents the germination of any alternative concept on the basis of any single new piece of evidence”.

Figura 2 – Exemplos de circularidade em mensagens associadas a TCs¹²

Fonte: Grupo *Censura Livre!*. No alto: 02/03/2022, embaixo: 05/03/2022, no Telegram.

Figura 3 – Exemplo de nucleação suprimida em mensagens associadas a TCs¹³

Fonte: Grupo *O Despertar*, 04/03/2022, no Telegram

A compreensão da instrumentalidade das TCs é abordada também por Azarias (2016), que destaca a proximidade entre elas e as três dimensões identificadas por Girardet nos mitos políticos (o formato de narrativa explicativa, a parcela de fantasia e o caráter mobilizador). Em relação à mobilização afetiva na política institucional operacionalizada pelas TCs, é

¹² A TC em questão nas mensagens alega a inexistência do vírus Sars-cov2 e a pandemia de Covid-19.

¹³ As TCs em questão na mensagem do alto alegam a inexistência do vírus Sars-cov2 e propõem que Putin teria invadido a Ucrânia para conter o avanço da “Nova Ordem Mundial”. Na mensagem de baixo, as referências são a dominação mundial por adoradores do demônio e a elevação dos que têm conhecimento dessa ameaça a planetas em dimensões superiores à da Terra.

relevante mencionar a análise de manifestações conspiratórias por parte de Jair Bolsonaro realizada por Demuru (2021), cujas observações podem ser ampliadas para os discursos conspiratórios em geral. O autor identifica um conjunto de indeterminações concorrentes e simultâneas entre as quais a primeira, e talvez mais fundamental, é temporal: trata-se do anúncio de uma catástrofe que está sempre prestes a começar e, ao mesmo tempo, já está acontecendo. Outras indeterminações incluem a natureza, o alcance e impacto do desastre anunciado: não está claro exatamente o que vai acontecer, quem será afetado ou de que maneira, sabendo-se apenas que é algo prejudicial e dramático. Na maior parte das vezes os conspiradores também permanecem indefinidos, escondidos atrás de caracterizações imprecisas, capazes de acolher e abrigar diferentes atores e identificações conforme a conveniência. Um exemplo desse tipo de designações, que Demuru (2021, p. 245) associa ao conceito de “significantes vazios” (LACLAU, 1996) pode ser verificado na Figura 4.

Figura 4 – Exemplos de indeterminações em mensagem associada a TCs



SAI PARA
A RUA
ANTES QUE
ENTREM EM
TUA CASA

Fonte: No alto, Grupo *Censura Livre!*, Telegram, 2022 (envios recorrentes)

Essas dissociações entre enunciação e significação têm a capacidade de mobilizar um amplo espectro de angústias e medos, o que, à primeira vista, acentuaria os desconfortos de indivíduos e grupos sociais fragilizados pela complexidade da vida contemporânea e suas aceleradas transformações (CAMPION-VINCENT, 2017; HARAMBAM, 2020; REZENDE;

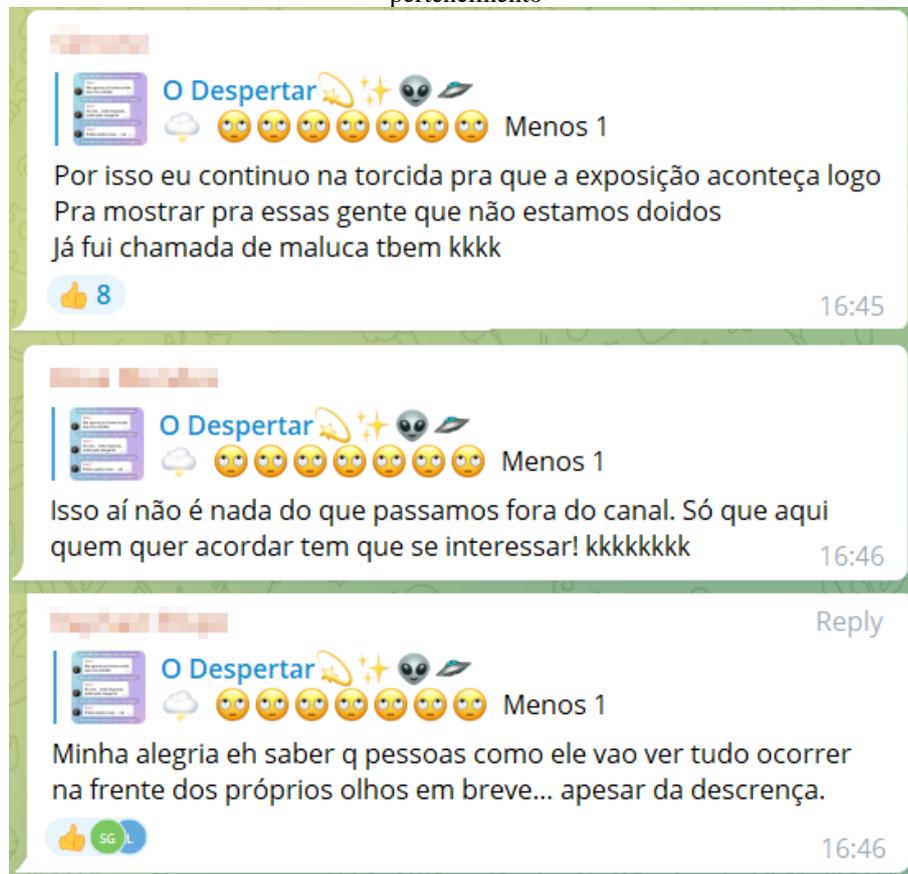
GOUVEIA; MOIZÉIS, 2021). Apesar disso, devido à simplicidade de sua lógica, ao apelo do empirismo ingênuo e à capilaridade de formas de disseminação baseadas na confiança pessoal, as TCs tendem a aumentar a sensação de segurança e controle daqueles que a elas aderem. Recuperando a bibliografia de sua área de origem, a Psicologia Social, Rezende, Gouveia e Moizéis encontraram referência a três tipos de necessidades que seriam atendidas pelas TCs: “epistêmicas (*e.g.*, desejo de compreensão, precisão e certeza subjetiva), existenciais (*e.g.*, desejo de controle e segurança) e sociais (*e.g.*, desejo de manter uma imagem positiva do eu ou do grupo)” (2021, p. 102, grifo da autores). Em relação às duas primeiras, os autores destacam que as TCs não apenas respondem a “processos mentais que visam considerar o mundo como ordenado, compreensível e previsível”, mas oferecem “atalhos cognitivos”, ou seja, explicações cuja amplitude permite que as pessoas acomodem os valores e crenças que já lhes são caros. Além disso, as TCs se apresentam como revelação de uma verdade que é ignorada por muitos, o que funciona como um mecanismo de valorização dos indivíduos e grupos que aderem a elas (REZENDE; GOUVEIA; MOIZÉIS, 2021, p. 103-104). Por extensão, os conteúdos conspiratórios desempenham o papel de referentes identitários, em torno dos quais se estabelecem critérios de pertencimento.

A mobilização identitária, a valorização pelo pertencimento e a provisão de certezas tornam as TCs particularmente atraentes em meio à configuração social contemporânea, caracterizada por transformações constantes, intensas e em velocidade acelerada. Embora isso aponte para um vínculo entre as TCs e a fragilidade social (REZENDE; GOUVEIA; MOIZÉIS, 2021), é importante ressaltar que, nesse âmbito, a autopercepção pode ser mais importante que a efetiva desvantagem. Em outras palavras, as TCs são mais atraentes para indivíduos ou grupos que se consideram socialmente fragilizados, o que abrange tanto aqueles que se encontram efetivamente prejudicados pela ordem social quanto os que sofreram perda de privilégios. Em combinação com as características anteriormente discutidas, esse perfil confere aos coletivos mobilizados em torno de TCs um enorme potencial para a ação, que podem desaguar em mobilizações desastrosas.

Desde os primeiros estudos sobre o tema, as TCs são associadas ao conservadorismo (HOFSTADTER, 1964; POPPER, 2006), o que, em princípio, anularia seu potencial revolucionário enquanto respostas táticas (DE CERTEAU, 1998) de resistência a uma ordem social que fragilizou os indivíduos e grupos que a elas aderem. De fato, embora estabeleçam epistemologias alternativas, a adesão às TCs depende, em larga medida, da ausência de

choque entre seus conteúdos e convicções pré-existentes (REZENDE; GOUVEIA; MOIZÉIS, 2021). Autores como Borges explicam esse aparente paradoxo a partir da ideia de que a fragilização da realidade compartilhada é resultado da instauração deliberada de “plausibilidade da dúvida” na sociedade contemporânea (2022, p. 182). A referência do autor é a noção de “Janela de Overton”, que corresponde ao conjunto de ideias consideradas aceitáveis no discurso público, cujo alcance poderia ser manipulado¹⁴ através da adoção repetitiva de discursos que forçam os limites do aceitável, estabelecendo desconfiança em temas sobre os quais até então havia consenso.

Figura 5: Reações a um questionamento de conteúdos conspiratórios que funcionam como referentes de pertencimento



Fonte: Grupo *O Despertar*, Telegram, 02/03/2022

¹⁴ Tanto no Brasil quanto no exterior, a literatura especializada tende a associar essa manipulação quase que exclusivamente à extrema-direita (BOBRIC, 2021; BORGES, 2022; ROBERTSON, 2018).

Estudos empíricos como o de Enders e colegas não confirmaram que a tendência a adotar raciocínios conspiratórios varie conforme a orientação política ou econômica de indivíduos ou grupos (ENDERS *et al.*, 2022), porém sugerem que há diferenças entre os conteúdos das TCs e os perfis dos grupos sociais atraídos por elas. Mais surpreendente é que o mesmo parece ser verdadeiro para as estratégias retóricas utilizadas para expressar as TCs e o modo como elas são instrumentalizadas, que alterariam não apenas sua atratividade para públicos-alvo específicos, mas também seus possíveis desdobramentos (ENDERS *et al.*, 2022).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo teve como ponto de partida a percepção de que as Teorias da Conspiração constituem um subconjunto específico de desinformação, que agrega e organiza o distúrbio informacional contemporâneo, potencialmente revertendo sua tendência à entropia. Para compreender a presença das TCs no Brasil e caracterizá-las quanto à forma e conteúdo, foram realizados dois movimentos: uma revisão da literatura, que procurou enfatizar os autores nacionais, e coleta de mensagens de dois grupos do aplicativo Telegram durante a primeira quinzena de março de 2022.

As percepções obtidas apontam que as TCs estabelecem epistemologias alternativas, realidades que não obedecem aos padrões convencionais de fundamentação em evidências, porém não desafiam os princípios lógicos da Modernidade. Ao invés disso, promovem um empirismo ingênuo, orientado pela convicção em uma objetividade supostamente impermeável à contaminação ideológica. As realidades alternativas instituídas pelas TCs são resguardadas por diversos mecanismos retóricos e conteudísticos, entre os quais foram destacados a circularidade, a nucleação suprimida, o maniqueísmo e o recurso a indeterminações concorrentes e simultâneas.

Embora o conteúdo das TCs apele a um amplo espectro de angústias e medos, a adesão a elas provê segurança e controle, graças tanto à simplicidade lógica dos raciocínios propostos (baseados em maniqueísmo e causalidades lineares) quanto à valorização identitária, em torno da qual solidificam-se critérios de pertencimento. Esses fatores tornam as TCs especialmente atraentes para indivíduos ou grupos que se consideram socialmente fragilizados, o que abrange tanto os que se encontram efetivamente prejudicados pelas

estruturas vigentes quanto aqueles que, embora ainda favorecidos, sofreram perda de privilégios aos quais estavam acostumados. Esse apelo é especialmente preocupante na medida em que o caráter explicativo, a natureza fantasiosa e o potencial mobilizador das TCs as aproximam dos mitos políticos, facilitando sua instrumentalização por grupos interessados em conquistar ou expandir seu domínio social através da manipulação de grupos sociais encarados como mera massa de manobra.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, A. DE; QUINAN, R. Crise epistemológica e teorias da conspiração: o discurso anti-ciência do canal “Professor Terra Plana”. **Revista Mídia e Cotidiano**, v. 13, n. 3, p. 83-104, 2019.

AZARIAS, W. Não confie em ninguém - Teorias da Conspiração como Mitologia Política. **Revista Alabastro**, v. 2, n. 6, p. 45-51, 2016.

BOBRIC, G.-D. The Overton Window: A Tool for Information Warfare - ProQuest. *In*: INTERNATIONAL CONFERENCE ON CYBER WARFARE AND SECURITY, 16. 2021, Tenesse. **Proceedings [...]**, 2021. Disponível em: <https://www.proquest.com/openview/d14239dd5c1f67e37109feb2573f50e1/1?pq-origsite=gscholar&cbl=396500>. Acesso em: 24 jan. 2023.

BORGES, R. L. **Políticas da presença em tempos de neoliberalismo e neofascismo**. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: UFRGS, 2022.

CAMPION-VINCENT, V. From Evil Others to Evil Elites. *In*: CAMPION-VINCENT, V. (Ed.). **Rumor Mills**. 1. ed. [s.l.] Routledge, 2017. p. 103–122.

DE CERTEAU, M. **Invenção do cotidiano: Artes de fazer**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1998. v. 1

DEMURU, P. Caos, teorias da conspiração e pandemia. **Revista Acta Semiotica**, v. 1, p. 244-261, 2021.

ELLIS, B. **Raising the Devil: Satanism, New Religions, and the Media**. Kentucky: University Press of Kentucky, 2000.

ENDERS, A. *et al.* Are Republicans and Conservatives More Likely to Believe Conspiracy Theories? **Political Behavior**, v. 45, p. 2001-2024, 2022.

FRANZKE *et al.* **Internet Research: Ethical Guidelines 3.0**. Association of Internet Researchers, 2020. Disponível em: <https://aoir.org/reports/ethics3.pdf>. Acesso em: 21 nov. 2023

GEHRKE, M.; BENETTI, M. A desinformação no Brasil durante a pandemia de Covid-19:: temas, plataformas e atores. **Fronteiras - Estudos Midiáticos**, v. 23, n. 2, 14 set. 2021.

HARAMBAM, J. **Contemporary Conspiracy Culture: Truth and Knowledge in an Era of Epistemic Instability**. 1. ed. Abingdon, Oxon ; New York, NY : Routledge, 2020. |: Routledge, 2020.

HOFSTADTER, R. The Paranoid Style in American Politics. **Harper's Magazine**, v. November 1964, 1964.

KNIGHT, P. (Ed.). **Conspiracy Theories in American History: An Encyclopedia: Conspiracy Theories in American History [2 volumes]: An Encyclopedia**. New edição ed. Santa Barbara, Calif: ABC-CLIO, 2003.

LACLAU, E. **Emancipation(s)**. [s.l.] Verso, 1996.

LATOUR, B. **Reassembling the Social: An Introduction to Actor-Network-Theory**. First Edition ed. Oxford: Oxford University Press, 2007.

LATOUR, B.; MAUGUIN, P.; TEIL, G. A Note on Socio-Technical Graphs. **Social Studies of Science - SOC STUD SCI**, v. 22, p. 33-57, 1992.

LEWANDOWSKY, S.; COOK, J.; LOMBARDI, D. **Debunking Handbook 2020**. Databrary, , 2020. Disponível em: <http://databrary.org/volume/1182>. Acesso em: 3 jun. 2021

LEWANDOWSKY, S.; ECKER, U. K. H.; COOK, J. Beyond Misinformation: Understanding and Coping with the “Post-Truth” Era. **Journal of Applied Research in Memory and Cognition**, v. 6, n. 4, p. 353-369, 2017.

LUTAV, S. Paramídia: controles algorítmicos: Os mecanismos que multiplicam fake news, conspirações e bolhas ideológicas. **Revista Inteligência Empresarial**, v. 40, p. 17–19, 2018.

MALINI, F. et al. Medo, infodemia e desinformação: a timeline dos discursos sobre coronavírus nas redes sociais. **Revista UFG**, v. 20, 31 dez. 2020.

MASSUCHIN, M. G. et al. A estrutura argumentativa do descrédito na ciência: uma análise de mensagens de grupos bolsonaristas de Whatsapp na pandemia da COVID-19. **Fronteiras - Estudos Midiáticos**, v. 23, n. 2, p. 160–174, 14 set. 2021.

NASCIMENTO, L. F. et al. Poder oracular e ecossistemas digitais de comunicação:: a produção de zonas de ignorância durante a pandemia de Covid-19 no Brasil. **Fronteiras - Estudos Midiáticos**, v. 23, n. 2, p. 190–206, 14 set. 2021.

OLIVEIRA, T. Desinformação científica em tempos de crise epistêmica: circulação de teorias da conspiração nas plataformas de mídias sociais. **Fronteiras - Estudos Midiáticos**, v. 22, n. 1, p. 21–35, 2 mar. 2020.

PIGDEN, C. Popper Revisited, or What Is Wrong With Conspiracy Theories? **Philosophy of the Social Sciences**, v. 25, n. 1, p. 3–34, 1 mar. 1995.

POLANYI, M. The Stability of Beliefs. **The British Journal for the Philosophy of Science**, v. III, n. 11, p. 217–232, 1952.

POPPER, K. R. The Conspiracy Theory of Society. *In*: HARVEY, D. (Ed.). **Conspiracy Theories**. [s.l.] Routledge, 2006.

RECUERO, R.; SOARES, F. O Discurso Desinformativo sobre a Cura do COVID-19 no Twitter: Estudo de caso. **E-Compós**, v. 24, 2021.

REZENDE, A. T.; GOUVEIA, V. V.; MOIZÉIS, H. B. C. Crenças em Teorias da Conspiração: uma aproximação desde a Psicologia Social. **Interação em Psicologia**, v. 25, n. 1, p. 101-110, 2021.

ROBERTSON, D. How an Obscure Conservative Theory Became the Trump Era's Go-to Nerd Phrase. **POLITICO Magazine**, 25 fev. 2018.

SAAD, E. Reflexões sobre ontologias jornalísticas no contexto de desinformação e crises sistêmicas. **Fronteiras - Estudos Midiáticos**, v. 23, n. 2, p. 58-72, 2021.

SANCHOTENE, C.; MARQUES, D. N. Quando a arma é a notícia: : um estudo sobre a circulação de fake news. **Comunicação & Informação**, v. 24, 2021.

SANTOS, C. R. P. DOS; MAURER, C. Potencialidades e limites do fact-checking no combate à desinformação. **Comunicação & Informação**, v. 23, 2020.

SEIBT, T.; FONSECA, V. P. DA S. Transparência como princípio normativo do jornalismo: a prática de fact-checking no Brasil. **Comunicação Pública**, v. 14, n. 27, 2019.

SOARES, A. Conspiração, Mentiras e Imunização na Estabilização de Crenças. **CTS em Foco**, n. 2, p. 30-34, 2021.

TRÄSEL, M. A eficácia da checagem de fatos no combate à desinformação. **Cadernos Adenauer**, v. XIX, n. 4, p. 69-87, 2018.

VICARIO, M. *et al.* The spreading of misinformation online | PNAS. **PNAS**, v. 113, n. 3, p. 554-559, 2016.

WARDLE, C. Information Disorder: The Essential Glossary. *In*: **Information Disorder: The Definitional Toolbox**, 2018. p. 8.

WARDLE, C. Understanding Information disorder. **First Draft**, 2019.

WARDLE, C.; DERAKHSHAN, H. **Information Disorder Toward an interdisciplinary framework for research and policymaking**. Estrasburgo: Council of Europe, 2017.

WEBER, M. **Economy and Society: An Outline of Interpretive Sociology**. [s.l.] University of California Press, 1978.